

## Nem oito, nem oitenta – a virtude está no meio

Por: Sara Jona\*

“Qual é então a boa atitude cultural para com a natureza, a “super sacralidade” ou o super utilitarismo”? (Severino Ngoenha: 1994: 14)

### Intróito:

O presente texto é o resultado de uma leitura feita à obra *O Retorno do Bom Selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*, de Severino Ngoenha, filósofo moçambicano.

Essa leitura tinha como intuito debater, no Graal<sup>1</sup>, as questões estratégicas em torno da defesa do planeta. A ecologia<sup>1</sup>, o ambiente e da produção e consumo de produtos geneticamente modificados, têm sido o cerne de discussão, no fórum da espiritualidade integrado no Graal.

Desse fórum surgem advertências que têm nos levado a verificar o quão urgente é elaborar-se uma nova forma de ser e de estar, no que se refere ao cuidado com o planeta, dado que ele encontra-se ameaçado pela atitude/acção humana - no seu desafio à natureza, mecanizando-a, de tal sorte que o Homem passou de criatura para criador, desafiando as leis do universo.

No âmbito dessas reflexões e, com intuito de alertar sobre a importância que há em tornar o planeta um lugar cada vez mais habitável, contrariamente ao que está a acontecer pelo mundo; os membros do Graal-Moçambique traçaram como desafio ler, compreender e dialogar em torno da obra acima mencionada, por forma a aprender e contribuir para uma mudança de atitude perante a sua relação com a terra.

Só para o situar, caro leitor, a obra em referência contém 133 páginas divididas em 10 capítulos, nas quais o autor coloca-nos perante várias considerações sobre a questão do relativismo cultural, o respeito pelas dimensões simbólicas das culturas, o conceito de alteridade, os problemas ecológicos de que a nossa sociedade padece (veja-se a epígrafe deste artigo), entre outros.

---

<sup>1</sup> Estudo da relação dos seres vivos com o ambiente.

No que concerne ao relativismo cultural, o autor do livro lembra-nos que achamos “normal”, “comum” ou “natural” os valores que moldaram a nossa forma de ser e de estar (por exemplo, a forma mística ou profana como nos apropriamos da natureza<sup>2</sup>); enquanto que, para outros indivíduos - com outras culturas e visões do mundo, esses mesmos valores poderão ser considerados “anormais”, “incomuns” ou não “naturais”. Quer dizer que os valores culturais são questões relativas (a relação com a natureza - retomando o exemplo anterior - poderá ser feita de forma sagrada, para uns e, de forma utilitária, para outros); pese embora existam virtudes culturais universais. E, naquilo que deve ser universal, Ngoenha enaltece a defesa do planeta, o equilíbrio ecológico e a sobrevivência dos seres humanos.

O importante, na perspectiva daquele autor, é que haja respeito pelas dimensões simbólicas que cada povo atribui aos valores da sua cultura (respeito pela alteridade e pelo diferente), sem ferir o que de universal deve ser preservado.

A respeito do relativismo cultural, gostaria ainda de lembrar que é ponto assente que, em algum momento, na humanidade, chegou-se à conclusão de que a carne de porco, dadas as suas propriedades, poderá ser nocivo à vida do Homem, e, por causa disso, o seu consumo foi interdito. No entanto, o que se verifica é que, no caso de algumas culturas o seu consumo é permitido, enquanto que, em outras é desaconselhado, como é o caso da cultura muçulmana.

Não me parece haver um motivo pelo qual os muçulmanos ou os outros possam ser condenados na tomada de decisão de não consumir ou de consumir aquela carne. A leitura do livro de Ngoenha lembra-nos, à este propósito, que a diferença cultural deverá ser tolerada, desde que as escolhas que fazemos não ponham em perigo a sobrevivência do Homem. Penso ser um alerta importante este, uma vez que se lermos o Corão, dependendo da interpretação que fizermos, poderemos perceber que se um indivíduo estiver em risco de vida e se, ao seu redor só houver carne de porco, ele poderá consumi-la, para salvar a sua vida. Portanto, há sempre que preservar o equilíbrio, protegendo a vida humana.

O que nos compete, relativamente à cultura universal, segundo o que Ngoenha apela, é fazermos uma mudança colectiva no que concerne ao comportamento ou atitude

---

<sup>2</sup> Entenda-se natureza em diferentes esferas: o planeta, as suas espécies, a cultura, ordem social, etc.

perante a natureza e a ciência - que deverão converter-se na partilha de valores sobre a sua preservação – incluindo das espécies que habitam o planeta, e, a necessidade de se ser moderado na atitude perante a utilização dos seus recursos. Este respeito deverá ir até a dimensão simbólica e espiritual da cultura.

Ngoenha questiona-nos sobre qual deverá ser a atitude perante o uso da natureza, se: extremamente sacralizante, a ponto de perigar a sobrevivência do homem? Ou extremamente utilitária, a ponto de destruir a natureza e conseqüentemente a vida do homem no planeta? Por outras palavras, pergunta-nos até que ponto é que a “inversão diabólica do mistério da encarnação”<sup>3</sup> poderá viabilizar a preservação do planeta, incluindo as suas espécies.

### **O Retorno ao bom selvagem**

Em meu entender, o usufruto da obra, passa pelo entendimento de uma série de símbolos, mitos, lendas e parábolas nos quais Ngoenha tece os seus argumentos.

O primeiro desses símbolos, e que atravessa toda a obra, é o título do livro, que vai buscar subsídios ao livro de Mircea Eliade<sup>4</sup>, O Mito do Eterno Retorno. Neste livro, Eliade divide a humanidade em religiosa e não religiosa e refere-se a forma como aquela se apropria do tempo.

Na perspectiva de Eliade, a humanidade não-religiosa usufrui do tempo de forma homogénea (linear e irrepitível, ou seja o tempo não tem volta). Em contrapartida, para o mesmo autor, a humanidade religiosa vive o tempo de forma heterogénea – através da conjugação de dois factores: o sagrado (forma cíclica e reutilizável) e o profano (linear).

No que concerne a forma cíclica e reutilizável, a obra remete-nos a significantes ligados à crença religiosa de que as pessoas devem estar preparadas para a vida terrena

---

<sup>3</sup> O homem fez a máquina, e a máquina tornou-se homem.

<sup>4</sup> Filósofo, famoso por investigar e estudar a história das religiões e das tradições (profundamente influenciado pelo humanismo e renascença – escreveu sobre misticismo, imortalidade e liberdade).

que é passageira e a vida celeste que é eterna ( há a vivência de um tempo que prepara mecanismos de sobrevivência no presente e, outro tempo de preparação do futuro – que é a vida eterna.

Ao inspirar-se na obra de Eliade, Ngoenha, retoma a religiosidade ou não na relação com a terra/tempo e sugere que um tratamento que tenha em conta o tempo cíclico e reutilizável, poderá permitir que gerações vindouras possa usufruir da terra/natureza. Este é um apelo ao humanismo.

Neste sentido, Ngoenha alerta-nos sobre a necessidade de cuidarmos de forma equilibrada do planeta que habitamos, pelo facto de haver desequilíbrios Norte/Sul; de onde decorre que, os países ricos, para protegerem o seu ambiente, fazem-no em detrimento dos países pobres. Este facto, poderá, na perspectiva de Ngoenha, fazer com que os habitantes dos países do sul estejam condenados a serem futuros “tarzãs”.

Um outro símbolo que podemos encontrar na obra faz alusão ao mito do “bom selvagem” e ao conceito de “tarzã”.

Ao recorrer a esse mito, que nos sugere a existência de homem em “estado puro” - místico, extremamente ligado a natureza, ou homem não moderno, ou, pelo menos não dominado pela máquina, Ngoenha acautela-nos, a meu ver, a dois aspectos.

O primeiro que tem a ver com o risco que a humanidade corre em ser demasiado “naturalista” – sacralizando a natureza, protegendo-a. O filósofo dá exemplo da forma como, na Índia, a vaca é venerada. Segundo ele, é um animal cuja carne e derivados não são consumidos, apesar do seu alto valor nutritivo. Para além de não consumida, a vaca, não é lavada, o que faz dela um foco de disseminação de doenças.

Pressupõe-se, desta advertência, que o homem deverá usar da sua capacidade para explorar a terra. Não precisa necessariamente ser um tarzã. Para explicar esse facto, Ngoenha usa uma fábula (outro símbolo), no qual refere que Prometeu dotou os Homens de condições técnicas para cuidarem da sua sobrevivência: “adquirindo a palavra, aprendendo a construir casas, a confeccionar vestuário e a cultivar a terra”. E esse conhecimento deverá ser usado em defesa da vida dos seres humanos.

O segundo aspecto, tem a ver com a necessidade de conjugarmos esforços para não sermos demasiadamente “tecnicistas” ou utilitários para com a natureza, no proveito que dela fazemos . O autor da obra em análise, explica que, contrariamente ao “bom selvagem” que respeita a natureza, obedecendo o seu ritmo – plantar e colher dela, obedecendo as estações do ano e os ciclos de fertilidade da terra; o homem moderno/tecnicista, explora a natureza a seu belo prazer.

Um exemplo disso é o facto de que, actualmente, o homem não espera pela época para obter determinados produtos alimentares. A natureza é mecanizada a ponto de ser levada a produzir fora de época, através de fertilizantes artificiais. Quero acrescentar, nesta questão, o caso dos produtos geneticamente modificados.

Nos dois momentos acabados de mencionar, o autor convida-nos a encontrarmos um meio termo no usufruto da natureza, que não sejamos, nem muito áusteros, nem muito utilitaristas, no que concerne ao seu uso e aproveitamento; ou seja nem oito, nem oitenta, porque “a virtude encontra-se no meio”.

Um outro símbolo usado pelo autor são os termos que ele aplica para designar os conceitos natureza mística *versus* não mecanizada, a qual chama de primeira natureza *versus* a criação técnica – representada pelo termo 2ª natureza. No que concerne ao uso destas distintas culturas – natureza mística e natureza instrumentalizada, o autor mostra-nos uma análise sobre a relatividade cultural que nos é dada pelas visões sobre a natureza, a partir do ponto de vista de dois grupos de povos: a visão africana e a visão ocidental.

Se para o pensamento africano, a partir da segunda guerra mundial, era importante mecanizar mais a natureza; para o ocidente, depois de viver várias catástrofes, um esvaziamento da terra e dos seus recursos; o importante fazer-se é um retorno a visão mística. Só que este retorno, segundo Ngoenha, está a ser feito através de políticas neocoloniais que em nada beneficiam os países africanos. Sendo, por causa disso, que o autor acautela que a África se una em torno de um bem comum, a defesa do seu equilíbrio e a libertação da dependência do ocidente.

Ele não defende uma desconexão da comunidade internacional, mas a imposição de políticas sociais, económicas e culturais que defendam interesses africanos. Há, portanto, um chamamento ao renascimento. O que se pode depreender do pensamento do

autor, é que é necessário estabelecer um novo *ethos* mundial. Uma ética na qual os valores de respeito pelas liberdades dos outros, da justiça pelo usufruto e defesa da ecologia sejam valores partilhados por toda a humanidade.

Em jeito de súplica e respondendo a grande questão do livro *O Retorno do Bom Selvagem*, que no fundo tem a ver com o como gerir a inversão de funções que atravessamos nos dias que correm: se a máquina deverá servir o homem ou se o homem é que deverá comandar a máquina; ou por outra, se devemos usufruir da terra de forma sagrada ou utilitária? A resposta será a de que os excessos são prejudiciais.

Ngoenha sugere-nos a adopção de um meio termo, porque, no seu dizer, não temos como nos livrar da globalização porque a história não para, mas há sim, que adoptar atitudes que não permitam, nem a existência de um neocolonialismo em todas as esferas da vida; nem ao desequilíbrio ecológico do planeta.

Após a leitura do livro, chego à conclusão de que o convite de Ngoenha, para que cada ser humano reinvente a sua maneira de ser e de estar e, conseqüentemente de lidar com a natureza, contribui sobremaneira para as discussões que estão a ocorrer no Graal. O mesmo convite é um aviso de que uma mudança social, ainda que demorada, deverá ser realizada em defesa do planeta e do equilíbrio entre Homem e a natureza.

## BIBLIOGRAFIA

NGOENHA, S. *O Retorno do Bom Selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*. Edições Paulinas. Maputo. 1994.

NOA, F. *A letra, a sombra e a água: ensaios e dispersões*. Texto Editores. Maputo. 2008.

\*docente e dinamizadora literária. Contacto: saralaisse@yahoo.com.br